

# Uma forma acadêmica de acolher

Inovação curricular da Agronomia completa 10 anos e integra alunos e professores, esclarece sobre a área e promove contato precoce dos estudantes com pesquisa e estágio

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Em 2007, o curso de Agronomia da UEL passou uma reforma curricular e, entre as mudanças, implantou um projeto pedagógico que criou a figura do tutor – um professor vinculado ao Departamento de Agronomia – regulamentada pelos Conselhos Superiores da instituição. A tutoria funciona como uma disciplina anual do primeiro ano do curso.

A ideia surgiu da realidade observada pelos professores. Os ingressantes têm quase todas as suas disciplinas de primeiro ano, básicas, em outros centros de estudo, diminuindo o contato direto com a área do curso que escolheram. Com a tutoria, os estudantes passaram a ter pelo menos 1 hora semanal (claro que acaba extrapolando, pelo ritmo do curso) com um professor e profissional da Agronomia.

De acordo com a professora Lúcia Sadayo Assari Takahashi, coordenadora da tutoria desde sua criação, a ferramenta enriquece o processo de ensino e aprendizagem, permite aprofundar os conteúdos das aulas, esclarecem questões acadêmicas e reduzem algum eventual desnível no conjunto de conhecimentos, competências e habilidades dos novos alunos. Como resultado, eles conhecem melhor o curso, a área, as disciplinas e seus conteúdos, a vida acadêmica, as perspectivas profissionais, e o próprio funcionamento da UEL. Houve ainda outros “efeitos colaterais”, positivos, como a redução na evasão do curso. Não era o objetivo da tutoria, mas a professora explica que, ao conhecer melhor a área logo no início, os ingressantes podem decidir mais rapidamente se escolheram certo ou não.

Em média, a cada ano, 25 professores exercem a função de tutores, com três alunos cada um. O critério é aleatório – ordem alfabética. Isso não significa que cada grupo desenvolva suas atividades isoladamente. Pelo contrário: o contato entre tutores e tutorados é constante e faz parte do espírito



Lúcia Sadayo Assari Takahashi, coordenadora da tutoria: “a ferramenta enriquece o processo de ensino e aprendizagem”

de iniciativa. A aluna do 2º ano, Ana Beatriz Barbosa, por exemplo, foi tutorada do professor Amarildo Pasini, ano passado, mas frequentou, como “ouvinte” (segundo ela), o grupo da professora Lúcia Takahashi. “Ela foi adotada”, brincou a professora. Para Ana, a tutoria foi uma ferramenta de escape das tensões da vida universitária, e a professora Lúcia foi uma boa conselheira.

Rafael Tanna, do 4º ano, também teve dois tutores, mas oficiais. Em certa época, houve uma demanda que gerou a troca de tutores no início do segundo semestre. Para o estudante, foi muito positivo, por causa dos pontos de vista diferentes, assim como as abordagens e práticas distintas. A troca de tutores, porém, acabou sendo apenas uma experiência temporária.

Jean Marcos de Matos e João Henrique de Almeida Jr., também do 2º ano, foram tutorados da professora Lúcia ano passado. Para Jean, a tutoria foi um espaço para desabafar e conseguir um apoio que ele, vindo de outra cidade e distante da família,

conseguiu aqui. Ele enfatiza que a tutoria fortalece os laços entre alunos e professores, que compartilham sua experiência de docência, pesquisador e profissional. João destacou que cada tutor e cada aluno tem seu ritmo, mas o saldo é sempre positivo, porque na tutoria se pode tratar de qualquer assunto acadêmico. E às vezes mais, segundo a professora Lúcia: “Muitos alunos perguntam da nossa vida profissional e até pessoal. E às vezes até choram por causa de uma situação”, conta.

**Vínculo** – O vínculo formado no primeiro ano pode se fortalecer e se prolongar por muito tempo. É o caso de Lucas Moraes, que foi um tutorado no primeiro ano de graduação e hoje é doutorando em Agronomia, na área de concentração de Manejo Sustentável do Solo e Engenharia Agrícola, e seu orientador, professor João Tavares, foi seu tutor no primeiro ano de graduação. “A tutoria muda tudo”, ele resume. Ele comenta que a tutoria não é algo simples, e que faz uma diferença muito grande no curso e

depois dele. A tutoria, segundo ele, dá autonomia ao aluno, que pode escolher seus rumos, mas tem que assumir responsabilidades e escolher bem, pois haverá cobranças. “A tutoria baliza nossa autonomia e mostra caminhos. É como um pai fora de casa”, completa. O resultado é um amadurecimento acadêmico que prepara o aluno para a Pós-graduação, que funciona com este binômio: autonomia e responsabilidade.

**Maturidade** - Quem partilha de uma perspectiva muito semelhante é o professor Maurício Ursi Ventura. Para ele, a tutoria contribui para a maturidade do ano, oportuniza o diálogo aberto, permite a interação com colegas, inclusive da Pós-graduação, que acabam se tornando tutores informais. “Os novos alunos encontram aqui uma realidade muito diferente do Ensino Médio. Aqui têm que lidar com um certo grau de liberdade e autonomia, e novos métodos de leitura e estudo. A tutoria ajuda nisso”, diz.

O professor Adilson Luiz Seifert também lembra que os alunos chegam ansiosos e com dúvidas, porque não conhecem o meio acadêmico. E destaca que, para compensar isso, a tutoria tem trabalhado com o Regimento Interno da Universidade, para que os novos alunos se inteirem do funcionamento da instituição e conheçam as instâncias adequadas para resolver as mais diferentes questões. O saldo é positivo: ele observa que a Agronomia já foi o curso com mais problemas disciplinares na UEL. “Hoje é um dos mais tranquilos”, completa. Além disso, o que se fala na tutoria extrapola seu âmbito. Como todos os conteúdos podem ser discutidos lá, as outras disciplinas acabam se beneficiando.

As palavras da graduanda Ana Beatriz parecem sintetizar a década bem sucedida da tutoria no curso de Agronomia da UEL: “A tutoria virou uma rotina. Uma boa rotina”, sentenciou.